

O muro no discurso jornalístico: em questão da análise de discurso

El muro en discurso periodístico: sobre el análisis de discusión

The wall in journalistic speech: on the discussion analysis

Ma. Renata Carneiro Lemes¹

Resumo

A partir da teoria da análise de discurso, este artigo, procura analisar sequências discursivas de revistas jornalísticas “Veja” que tematizam sobre os muros, com o intuito de compreender o modo como dão visibilidade ao sentido de muro na sua relação com o sujeito. Uma vez que os sentidos em relação aos sujeitos se constituem simultaneamente, e a língua para significar inscreve na história. No percurso deste artigo, as leituras, imersão teórica possibilita compreender o muro no discurso jornalístico veiculado pela revista “Veja” é atravessado por distintas posições ideológicas que o significa distintamente, uma vez que o sentido de “muro” não se prende ao pré-estabelecido, da literalidade à palavra, varia conforme as distintas posições sujeito que constituem as condições de produção.

Palavras-Chave: Discurso; Sentido; Revistas Jornalísticas; Muros.

Resumen

A partir de la teoría del análisis de discurso, este artículo, busca analizar, discursivamente, recorte de revistas periodísticas "Veja" que tematizan sobre los muros, con el intuito de comprender el modo como dan visibilidad al sentido de muro en su relación con el sujeto. Una vez que los sentidos en relación a los sujetos se constituyen simultáneamente, y la lengua para significar inscribe en la historia. En el transcurso de este artículo, las lecturas, inmersión teórica posibilita comprender el muro en los discursos periodísticos transmitidos por las revistas Veja es atravesado por distintas posiciones ideológicas que lo significa distintamente, el sentido de "muro" no se atiene a lo preestablecido, de la literalidad a la palabra, varía según las distintas posiciones sujeto que constituyen las condiciones de producción.

Palabras Clave: Discurso; Sentido; Revistas Periodísticas; Paredes.

Abstract

Based on discourse analysis theory, this article tries to analyze, discursively, clippings from different journalistic magazines such as “Veja”, that thematically on the walls, in order to understand how they give visibility to the sense of the wall in its relationship with the subject. Since the senses in relation to subjects are simultaneously constituted, and the language to signify inscribes in history. The sense of wall, in the different cuts analyzed, are crossed by different ideological positions that means it distinctly. In the course of this article, the readings, theoretical immersion allowed us to understand the wall in the journalistic discourses conveyed by the magazines Veja is crossed by different ideological positions that means it distinctly, the meaning of "wall" does not attach to the pre-established, the literalness to the word, varies according to the different subject positions that constitute the conditions of production.

Keywords: Speech; Senses; Journalistic Magazines; Walls.

¹ Doutoranda em Linguística; Universidade de Mato Grosso - UNEMAT; Cáceres, Mato Grosso, Brasil, lemes.renata9@gmail.com

1. Introdução

Neste artigo, propomos compreender como o discurso da revista jornalística “Veja”, ao abordar sobre o muro, tece de forma naturalizado uma questão, que, teoricamente, requer questionamentos. Esse gesto de leitura, de questões sobre a opacidade, faz pensar que é pelo discurso que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo como a língua produz sentido por/para o sujeito. Discutimos como a materialidade significativa da língua é atravessada por diferentes posições ideológicas, condições de produção que permitem questionamentos, gestos de interpretação.

O muro, historicamente, é atravessado por uma memória discursiva, pode-se dizer que o muro não escapa à história. A história, aqui, não é compreendida como um dado cronológico, mas como parte do processo de constituição do sentido de muro. Do ponto de vista discursivo, falar do modo de historicização do muro é dizer de uma atualização da memória, parte do processo significativo. Isto é, do modo como o muro, enquanto acontecimento de linguagem está estritamente ligado com a memória discursiva, com as condições de produção e com o sujeito. Para melhor entendermos, apresentamos a definição de memória discursiva conforme Pêcheux:

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos “(quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52).

Depreende-se que a memória discursiva é compreendida como uma retomada, uma atualização, discursos-transversos que uma distinta leitura requer. Neste caso, o muro, tem a sua memória discursiva e, é constituído por redes de filiações históricas que se inscrevem nas práticas sociais. Ou seja, tem sentidos que se entrecruzam em distintas posições sujeito: mítica, religiosa entre outros. Isto possibilita dizer que, enquanto memória, é atravessado por diferentes sentidos que se diferenciam nas condições de produção.

De acordo com Orlandi (1999), as “condições de produção compreendem dois aspectos, o sujeito e a situação”. Por sua vez, a situação, pode ser estabelecida em sentido estrito e lato. Essas duas marcas que se referem à situação são constituintes, sendo separadas somente para fins de explicação. A divisão do espaço pelos muros em sentido amplo, não se pode limitar apenas ao “sentido imediato”, isso significa dizer que incluem no aspecto lato ou amplo, o contexto sócio histórico e ideológico. De modo que se faz necessário trazer, nesse

processo de significação do muro, o sujeito, a ideologia e a sua história. Nesse sentido, é pertinente pensar o modo como a Muralha da China, o Muro de Jerusalém e de Berlim se constituem sócio historicamente.

A Muralha da china é significado enquanto proteção ou resistência contra os Bárbaros, assim como um meio de ocupar e expandir territórios estrangeiros. Em Jerusalém o muro é marcado pela ideologia, do discurso religioso, do modo de pertencimento ao espaço. Já o Muro de Berlim significou um marco, na divisão de políticas, forças de interesses contrários e de distintas posições ideológicas, o monumento se dá a ler sócio-historicamente como o mais dramático da Guerra Fria, e tem a sua carga semântica, significado em redes de memória discursiva que reverberam a luta política e ideológica entre forças opositivas (socialismo e capitalismo).

Desse modo, depreende-se que há diferentes significações, sentidos cristalizados sobre o muro e que tem a ver com a memória discursiva. De forma que, a historicidade que permeia as condições de produção sobre o muro, em uma nação X ou Z têm seus efeitos de sentido. Tudo isso deriva do modo de compreender o discurso, da não transparência da história, das condições de produção do sujeito e do modo de assujeitamento. Assim, dizer sobre o muro, significativamente, “produz uma mexida na rede de filiações e isto acontece em condições de produção específica” (ORLANDI, 2012 p. 21). Ou seja, há distintos sentidos, movimentos de edificação do “muro” por diferentes formações discursivas, produzindo distintas posições sujeito e diferentes efeitos de sentido sobre o que denominamos de muro.

Na conjuntura do século XXI há uma textualização/atualização do muro em revistas jornalísticas, tendo em vista que o muro na sociedade tornou-se objeto de distintas discussões. Um atual exemplo é o Projeto Político, veiculado pela mídia, do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em construir um muro entre os Estados Unidos e o México. O discurso sobre a construção do muro na atualidade nos permite questionar os sentidos de muro entre países que, ideologicamente, traçam limites, distintas significações, posição.

A revista jornalística é um veículo de linguagem, com seu meio tecnológico de escrita, de produção de diferentes discursos. Tem uma circularidade, com poder de fazer dizer diferentes temáticas que, por vezes, têm grande repercussão na sociedade. Assim, a textualidade discursiva tem uma espessura semântica constitutiva de sentidos que nos permite depreender, conforme Orlandi (1999, p.17), que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”.

Mariani (1998, p. 33 -34) diz que “o discurso jornalístico constrói-se, dessa forma, com base em um pretensão domínio da referencialidade, pois baseia-se em uma concepção de

linguagem que considera a língua como um instrumento de comunicação de informação”. De maneira que a língua é apreendida pelo jornalismo, tal como define Mariani (op. cit.) como um código um conjunto de signos, regras com a função de transmissão da mensagem. Diferentemente, trabalhar com o texto jornalístico, pela teoria da Análise de Discurso, permite-nos tomar a língua não como linear, um instrumento de informação, mas como atravessado por diferentes sentidos.

Desse modo, é mediante o discurso que o analista se submete à língua, pensando nas diferentes possibilidades de interpretação; atravessar o efeito da literalidade do discurso midiático em busca de “pistas”, marcas nas entrelinhas da discursividade da revista jornalística. A revista é uma referência semântica de escrita, com a função de noticiar, porém, partindo do pressuposto da teoria da Análise de Discurso, o discurso funciona com sentido que se diferenciam conforme as diferentes condições de produção.

A revista jornalística funciona servindo-se de diferentes suportes tecnológicos de escrita, cores, imagens, o que joga com o sujeito leitor, naturalizando sentido. A teoria, a qual nos inscrevemos, nos faz compreender que o discurso é o lugar do trabalho da ideologia. A ideologia, por sua vez, não é algo de fora do discurso, está presente no interior do discurso. Desse modo, a revista, entre outros meios de noticiar, tem um papel importante de interlocução, por ter a função de mediar a informação, o acontecimento de linguagem entre o homem e o mundo. O gesto de noticiar cria uma proximidade com a sociedade, pelo discurso, de forma que se diz produzindo um movimento político no social e interpela o sujeito a produzir sentido.

A linguagem jornalística das revistas trabalha de uma forma como se pudesse produzir o discurso da imparcialidade e da neutralidade. Mariani (1998, p.73) define o gesto de noticiar como “não neutro nem desinteressado: nele se entrecruzando os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes, bem como dos leitores”. O fato de o discurso informativo não ser neutro e nem objetivo, apresentar marcas da subjetividade, já demonstra que o discurso não é imparcial. Isto é, há interesses políticos, ideológicos e econômicos entre outros que o atravessam e que os significam de forma constitutiva tanto entre aquele que produz a notícia.

Diferentemente do ponto de vista jornalístico, a teoria da Análise de Discurso, compreende o discurso não como marca subjetiva do sujeito, mas pela subjetivação do sujeito do discurso, enquanto posição-sujeito afetada pela língua e pela história. Isto significa dizer que o sujeito é atravessado pela ideologia. Nessa direção, ao noticiar um determinado assunto,

o sentido muda conforme as distintas formações discursivas, considerado pelo contexto sócio-histórico-ideológico que o constitui.

Pêcheux (1975, p.166) define formação discursiva “como um elemento suscetível de intervir como uma força confrontada a outras forças, dentro da conjuntura ideológica característica de uma formação social em um movimento dado”, podendo ser uma ou mais formações discursivas interligadas. O sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva. A relação que esse sujeito estabelece entre as várias formações discursivas é constitutiva de cada sujeito. Os recortes jornalísticos possibilitam ao analista de discurso compreender o discurso, não pensado nele mesmo, mas em relação com as condições de produção, a exterioridade, e a memória.

Na revista, pelo discurso, o imaginário de muro se (re)constrói, (re)configurando sentidos outros. Contudo, as notícias propagadas nas páginas de revista, produzem uma homogeneidade, silenciando sentidos outros, entendidos não como ausência de palavras, mas como calar o interlocutor de sustentar outros sentidos. No texto midiático a materialidade discursiva sobre o muro possibilita compreender as múltiplas formas de significá-lo sempre constituído por formações discursivas. E assim, pode-se dizer dos efeitos de sentido que um discurso produz.

Desse modo, o sentido que se arraiga sobre edificar o muro, em distintas civilizações, tem sua historicidade que se diferencia conforme as diferentes formações discursivas e a ideologia. Nessa direção, depreende-se que “o sujeito se constitui por uma interpelação que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva” (ORLANDI, 1999, p.45). O que significa dizer que o sujeito é atravessado pela ideologia, e que o sentido no discurso é produzido conforme as distintas formações discursivas.

Depreende que o sentido resulta de um processo ideológico, isto é, os dizeres são atravessados por outros dizeres e o sujeito tem a ilusão de ser a origem deles. Entretanto, os dizeres que noticiam um acontecimento são constituídos pelos efeitos sócio-histórico-ideológicos. Daí compreende-se que o discurso para o analista é sujeito a questionamentos e à observação.

O sentido, como nos diz Orlandi (1999) se diferencia conforme as diferentes formações discursivas, e a sua relação com a ideologia, “o sujeito se constitui por uma interpelação, que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva” (Op.cit.1999, p.45). Desse modo, o sentido não está à literalidade do discurso jornalístico das revistas, produzindo, assim, o efeito de evidência.

2. O muro no discurso jornalístico e as suas significações

A sequência discursiva (SD) abaixo é veiculada pela revista Veja publicada em 02/09/2015², e corresponde à chamada “As multiplicações das barreiras”. A questão que se coloca é que tipo de barreiras o noticiário irrompe: barreiras físicas, invisíveis, ou seria dos múltiplos sentidos que constituem as barreiras físicas? A revista inscreve-se, ideologicamente, por confrontos de sentidos que constitui o texto, neste caso, o discurso que noticia permeia a questão do muro, dispondo de distintas formas de significá-lo.

Os muros e cercas de fronteira já feitos ou em construção no mundo poderiam dar uma volta e meia em torno do Brasil. Eles aliviam a insegurança das populações, mas não são impermeáveis aos imigrantes. A globalização é celebrada por eliminar fronteiras políticas e econômicas e por aproximar culturas de diferentes partes do mundo. **Após a década de 90, contudo, começou a sofrer um efeito reverso: a multiplicação de muros em fronteiras nacionais.** Um terço dos países já ergueu ou está edificando quase 400 quilômetros de muros ou cerca em torno e seu território, uma extensão quatro vezes superior à registrada em 1989, quando foi derrubado o muro de Berlim e suficiente para dar uma volta no Brasil. A conta feita pela geógrafa Elisabeth Vallet, da universidade de Quebec, no Canadá, inclui 19.600 quilômetros já finalizados e outros 20.200 em obras (VEJA, WATKINS, 2015, nº 1473, 2 setembro de 2015. p.68-70, grifo nosso).

No enunciado “Os muros e cercas de fronteiras já feitos ou em construção no mundo poderiam dar uma volta e meia em torno do Brasil” observa-se que no eixo sintagmático a marca discursiva “ou” semântiza a ideia de alternância, depreendendo que tanto os muros e cercas de fronteira construídas, quanto os em construção no mundo, poderiam dar uma volta e meia em torno do Brasil. Do ponto de vista discursivo, o muro e a cerca, no recorte nº 1, são tidos enquanto acontecimento discursivo, isto é, o discurso “ou” faz com que haja uma atualização entre o muro e a cerca memoráveis com a atualidade, na ordem simbólica.

Desse modo, possibilita pensar o muro enquanto acontecimento discursivo, “ponto de partida entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2012. p. 19), ou seja, há uma inscrição da língua na história, na produção de sentido, que permite depreender, neste caso, a memória discursiva do que seja o muro. A expressão “Muros” no enunciado “Os muros e cercas de fronteira construída já feita ou em construção” estabelece um ponto de encontro, na ordem simbólica, entre a memória discursiva (os muros já construídos) com a atualidade (os muros em processo de instalação), isto significa pensar o muro enquanto atualização da memória.

² Revista Veja publicada em 02/09/2015 com a temática “As multiplicações das barreiras”

A memória, aqui, é compreendida como aquilo que já foi dito em determinada condição e que inconscientemente é retomada como um pré-construído. “O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sobre a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da base” (ORLANDI, 1999, p. 31). O muro, nesse caso, é significado enquanto produto sócio-histórico ideológico, que se diz produzindo efeito de sentido no espaço. O muro, no discurso da revista *Veja*, faz pensar como a língua constrói o sentido e que este não está na literalidade das palavras, isto é, não se detém a opacidade da materialidade, mas advém de uma memória produzida anteriormente, pelos sentidos transversos, como já ditos, neste trabalho, aos muros de Jerusalém, Berlim e China, entre outros. Há sentidos em movimento, “é como se o passado nevasse sobre nós” (ROBIM, 2016, p.26). Ou seja, um retorno.

Nessa sequencia, os sentidos de muro e cerca são atravessados por formações discursiva que se constituem em uma tensão entre paráfrase e polissemia. Entendemos, com Orlandi (1998, p.36) que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim aos mesmos espaços do dizer. Produzem diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

A partir da autora depreende-se que o funcionamento da paráfrase efetiva-se pelo apagamento da diferença, produzindo, assim, o mesmo, ou seja, uma homogeneidade dos sentidos. Já na polissemia ocorre um processo de ruptura, deslocamentos e equívocos, produzindo sentidos distintos. No que se refere ao nosso objeto simbólico, o discurso que se tem sobre a divisão da territorialidade entre muro cerca, etc., é um mesmo que se repete. Assim, o sentido de muro instala o sentido de cerca, em uma tensão parafrástica, como se os mesmos tivessem uma mesma insígnia. Em síntese, são sentidos que se repetem que não se constituem em um novo, a polissemia. Portanto, não há distinção de sentidos entre cercas e muros no recorte, já que os mesmos irrompem a transição do sujeito.

No enunciado “Eles aliviam a insegurança da população mas não são impermeáveis aos inimigos” é constituído pelo marcador discursivo “mas” possibilitando que duas posições se juntem, opondo-se discursivamente, sentidos que se contradizem. Isto é, há um entrecruzamento de duas formações discursivas. A primeira no enunciado “Eles aliviam a insegurança da população” o muro como espaço de resistência, segurança da posição sujeito a

população. A segunda posição no enunciado “mas não são impermeáveis aos inimigos” remete ao muro como impermeável à posição sujeito inimigo. Pode-se dizer que há um jogo discursivo, pelo funcionamento “mas”, o que sobredetermina a segunda formulação em detrimento a outra, de maneira que o muro é significado permeável, ou seja, do ponto de vista discurso sujeito a falha e a equivocidade.

Logo, no discurso “Os muros e cercas aliviam a insegurança da população, mas não são impermeáveis aos inimigos”, a palavra “mas” funciona pela formulação, como uma contradição. Chama-se a atenção, também, para o sentido no verbo “aliviar”. Neste permeiam sentidos sobre o ótico, panóptico, do impedir a entrada sem que se possam saber se estão ou não sendo observados, porém não são impermeáveis. Isto é há o “olho que vê”, mas não garante a segurança, apenas alivia. A conjunção aditiva “e” no trecho “Os muros e cercas” é tomado não apenas pela sintaxe gramatical, mas o modo de funcionamento que interliga sentidos. Pela linguagem depreende-se que os muros e as cercas são instrumentos que aliviam a insegurança da população contra os “inimigos”. Há um confronto ideológico entre os de dentro e os de fora do muro, isto é, entre a posição sujeito população x inimigo.

O muro funciona enquanto divisor das relações sociais. Em que a posição sujeito “inimigo” torna-se uma ameaça à posição sujeito “população”. Mas que tipo de ameaça há entre a posição sujeito inimigo em relação a posição sujeito população? Há um silenciamento no que diz respeito ao motivo do confronto entre as posições sujeito “população” x “inimigo”. Diante disso, pode-se dizer que “há uma necessidade da língua em incorporar o jogo da contradição entre as posições sujeitos. A língua, desse modo, é esse lugar do poder da tensão” (LAGAZZI, 1988, 93).

O muro entre nações emerge em uma conjunção imaginária, como absoluto em impedir o tráfego da posição inimigo. O lugar do proibido irrompe o sentido da transgressividade. No dizer os muros “não são impermeáveis aos inimigos” há posições antagônicas que resistem, não submete à ideologia dominante, ao poder instituído. A resistência, por sua vez, “é a batalha do sujeito pelo direito de se colocar, de não aceitar a coerção” (LAGAZZI, 1988, p. 97). Uma posição imersa na tensão entre direitos e deveres, em suas legalidades e proibições. Conforme Lagazzi (1988, p. 97), “segundo uma visão absolutista do poder, que vê no exercício deste fechamento do espaço do outro, o contraponto do poder e a submissão”, isto é, o muro se colocando, no enunciado, como ineficaz no sentido de impedir a posição sujeito inimigo de trafegar.

O enunciado “Eles aliviam a insegurança da população” funciona como pré- anúncio à situação que será colocada posteriormente. O que semantiza a situação, apesar de a política de

segurança ver no muro uma estratégia de segurança e de coibir a entrada de imigrantes, é que os muros têm deixado de exercer seu sentido de impermeabilidade e de limites aos imigrantes. Isto remete à memória que constituiu sócio e historicamente o muro, em distintas nações, em que cada qual tem a sua historicidade.

Os muros têm o sentido de reversão, configurados por divisões, posições antagônicas. De um lado, a construção dos muros funciona dentro de uma estratégia política; de outro lado, a globalização pelo efeito da internacionalização se coloca na posição daquela que elimina fronteiras. Porém, como esse discurso da proteção se mostra como não consistente politicamente? Em outras palavras, como o muro protege ideologicamente as nações? Discursivamente, o muro se coloca como esse divisor entre duas posições de extrema oposição, o que consiste em pensa-lo enquanto materialidade discursiva entre os conflitos ideológicos.

O enunciado “Após a década de 90, contudo, começou a sofrer um efeito reverso: a multiplicação de muros em fronteiras nacionais”, diz sobre o efeito reverso, da equivocidade na construção do muro que se dá a ler pela língua, e questionar pela língua quais as condições de produção que permeiam o sentido de muro durante a década de 90?

Assim, o que distingue o muro entre antes e após a década de 90? No enunciado, o efeito da reversão ideológica, consiste pela conjunção- contudo- como algo a se questionar em dizer que embora houvesse a derrubada do Muro de Berlim³, ocorreu o reverso. Isto é, em vez de coibir as construções dos muros, ocorreu a multiplicação dos muros e cercas em distintos territórios. Dessa forma, o efeito da globalização, funcionou como uma forma de descolonização, em que sujeitos se deslocaram para outros países a procura de melhores condições de vida. De outro modo questionamos: O muro, entre nações, funciona como uma forma de interromper o efeito da globalização? Isto nos leva a pensar no modo como o muro é o lugar da interdição simbólica, física, econômica, social, cultural e política entre nações.

Nesta semana, a Hungria completa a cerca ao longo dos 170 quilômetros de fronteira com a sérvia. Com 4 metros de altura, tem a função de impedir a entrada de refugiados vindo principalmente do Oriente Médio, na Europa. O Quênia, a Arábia Saudita estão implantando barreiras semelhantes para conter grupos Jihadista vinda respectivamente da Somália, do Iraque e da Síria. Israel já ergueu um muro para conter a infiltração de terroristas da Cisjordânia e planeja fazer algo parecido na fronteira com a Jordânia, dessa vez para proteger-se do Estado Islâmico (EI) (VEJA, WATKINS, nº 1473, 2 setembro de 2015. p.68-70, grifo nosso).

³ Muro que dividia duas posições ideológicas, o comunismo e o socialismo.

Conforme Lagazzi (1988, p. 25), “o sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas, ao mesmo tempo constitui uma relação própria com essa formação discursiva, relação essa permeada pela história desse sujeito”. Desse modo, na sequência 2, pelo discurso, pode-se depreender diferentes posições sujeito, que se dizem significando o “muro”, em uma palavra: a memória discursiva. O conceito de memória discursiva, é trabalhada por Pêcheux através da categoria teórica do interdiscurso, possibilita que os dizeres façam sentido, corresponde a algo dito anteriormente, em outro lugar, em outras condições.

No enunciado, “Nesta semana, a Hungria completa a cerca ao longo dos 170 quilômetros de fronteira com a sérvia. Com 4 metros de altura, tem a função de impedir a entrada de refugiados vindo principalmente do Oriente Médio, na Europa”. Vejamos que, semelhantemente, ao muro as cercas presentificam um modo de divisão. De modo que as cercas e muros se constituem em uma mesma insígnia, já que tanto o muro, quanto a cerca são materialidade que delimitam o espaço, servindo-se como fronteira com a sérvia. No dizer “Com 4 metros de altura, tem a função de impedir a entrada de refugiados vindo principalmente do Oriente Médio, na Europa”. A cerca ou o muro entre as nações, neste recorte, são significados como espaços de delimitação de sentidos, de interdição da posição sujeito refugiado vindo principalmente do Oriente Médio da Europa. Pode-se dizer que o muro e a cerca entre nações interpelam o sujeito impedido- o de transitar. Sustentado-se pelo efeito do pré-construído de que o muro impede a entrada dos inimigos. Dessa forma, a interdição impõe-se como “marca significante distinguindo o lado do aberto e o lado do fechado” (SOUZA, 2001, p. 72).

No enunciado “O Quênia, a Arábia Saudita estão implantando barreiras semelhantes para conter grupos Jihadista vindos respectivamente da Somália, do Iraque e da Síria”, observa-se um desdobramento, uma ideia que dá uma formatação ampla ao muro em relação às nações. Que o enunciado diz respeito a barreira, de maneira que a Quênia retoma ao mesmo uso de barreira, tal como, a Arábia. As barreiras pelas posições sujeitos Quênia e Arábia, de conter a posição sujeito Jihadista. Chama atenção, no enunciado, o uso do verbo “conter”. No dicionário Houaiss (2010, p. 194) o verbete é significado como “1. Reprimir 2 Manter dentro de certos limites ou sob controle”. Isto é, dizer que a Quênia e a Arábia estão implantando barreira para conter grupos Jihadista, estabelece, assim, uma certa ordem, controle, limites de território em relação a posição sujeito Jihadista .

No dizer “E Israel já ergueu um muro para conter a infiltração de terroristas da Cisjordânia e planeja fazer algo parecido na fronteira com a Jordânia, dessa vez para proteger-se do Estado Islâmico (EI)”. O muro é atravessado por diferentes formações discursivas, que

significa-o de distinta forma. O muro tem o sentido, pela formulação, de conter as infiltrações dos terroristas da Cisjordânia. Isto é, o muro estabelece limites entre distintos territórios. Em contrapartida, há um outro modo de reverberar sentido para o muro, pela posição de Israel. De acordo com o enunciado, Israel, também planeja fazer algo parecido, com a fronteira com a Jordânia. Contudo, com sentido distinto em relação ao muro com a Cisjordânia, isto é, o muro com a Jordânia permeia sentidos de “proteção”. O verbo “planejar”, no enunciado, se diz sobre um alhures, irrealizável. Em suma, a significação do muro, no enunciado, joga com a relação que se estabelece entre as distintas nações, de modo que se diz de uma mesma nação, com sentidos distintos de muro, em relação à nação x e y. Isto são movimentos de sentidos em relação à formação discursiva.

3. Considerações finais

Analisar o muro, no discurso midiático, das nas revistas jornalísticas, “Veja” nos fez pensar na mobilidade do sentido, a amplitude da mídia, no reconhecimento da importância do questionamento da significação, como lugar de interpretação. De modo que o sentido de “muro” varia conforme as distintas posições-sujeito, que constituem as condições de produção. Nesse entendimento, os dizeres sobre o “muro” não são tidos isoladamente, é preciso que tomem as condições de produção do discurso.

A significação de uma distinta palavra coloca em questão o funcionamento da linguagem, pois o sentido não provém da palavra em si, mas resulta da formação discursiva a que se remete e que a produz, já que o sujeito é um sujeito ideológico. E é pelo discurso que se pode analisar a relação entre língua e ideologia, compreendendo assim, o modo como “a língua produz sentido por/para o sujeito” (ORLANDI, 1999, p.17).

Portanto, pode-se dizer que o “Muro” é constituído por diferentes filiações históricas que se verticalizam, e isto, nos faz pensar no modo como ele é significado em suas distintas condições de produção, em distintas épocas. É preciso que se compreenda a palavra e que esta significativamente, “produz uma mexida na rede de filiações e isto acontece em condições de produção específica” (ORLANDI, 2012 p. 21), o que é chamado de fuga de sentidos, distintos sentidos de uma palavra por diferentes formações discursivas, produzindo posições sujeito distintos e diferentes efeitos de sentido. Desse modo, o muro, neste estudo, tornou-se o lugar da interpretação e de compreensão da manifestação da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos

Referências

- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- LAGAZI, Suzi. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: as conquistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Campinas, SP. Ed. Da Unicamp, RJ, Ed. Revan, 1998.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Paráfrase e Polissemia. A fluidez nos Limites do Simbólico. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP*, Campinas, nº. 4, mar. 1998.
- ORLANDI, Eni P. *Sentidos em fuga: Efeito da polissemia e do silêncio. In: Sujeito, Sociedade, Sentidos*. Campinas, Editora RG, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução José horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento?* 2. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, São Paulo: Pontes, 2012.
- ROBIM, Régine. *A memória Saturada*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2016.
- SOUZA, Tânia C. C. de. “*A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação*”. In: *Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, nº 7 março 2001.
- WATKINS, Nathalia. *VEJA*. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 setemb. 2015. p. 68.